

RELATOS DE PRÁTICA

ENCARTE ESPECIAL

NARRATIVAS EM CENA

Adolescência e Singularidades

O *Narrativas em Cena* desta edição reúne alguns relatos de prática apresentados no II Simpósio de Saúde Mental Infantojuvenil "Adolescência e Singularidades", realizado em novembro de 2019 na Escola Técnica Estadual (ETEC) Pirituba, região noroeste da capital paulista.

**UM RELATO SOBRE O II SIMPÓSIO DE SAÚDE MENTAL
INFANTOJUVENIL: ADOLESCÊNCIA E SINGULARIDADES**

**A REPORT OF THE II SYMPOSIUM ON MENTAL HEALTH FOR CHILDREN
AND ADOLESCENTS: ADOLESCENCE AND SINGULARITY**

Patrícia Costa Jurado¹

André Domicciano²

A prática diária com o adolescente nos desafia e se fez tema para nosso II Simpósio de Saúde Mental Infantojuvenil. Sentimos-nos provocados e convocados diante dessa temática: Como fazer dela teoria e prática em um só espaço?

Importante dizer que a idealização do Simpósio se deu dentro do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS-IJ) em Perus-SP. E por que isso é importante? Porque estamos falando de um equipamento de saúde mental localizado em uma das regiões mais vulneráveis de São Paulo. Uma região, acima de tudo, afastada de polos culturais e acadêmicos, contando apenas com uma biblioteca e um Centro Educacional Unificado - mais conhecido por sua sigla CEU³, além da iniciativa de alguns coletivos artísticos, para absorver toda a demanda de um território extremamente populoso e vulnerável socioeconomicamente.

A ideia de um evento com ar acadêmico partir de um equipamento de saúde mental também é significativo. O modelo CAPS ainda é novo para uma sociedade que se acostumou com os manicômios e hospitais psiquiátricos, onde o “tratamento” pelo isolamento e violência (física, verbal, psicológica, moral, ética...) eram a regra. São pouco mais de 30 anos de luta e resistência para garantir um tratamento digno e humano a todos, dentro do convívio familiar (e não afastado dele) e com o principal objetivo de assegurar que estejam em trânsito no território (na escola, na rua, no shopping, no cinema...).

E qual a melhor forma de expor, comunicar, as experiências bem-sucedidas se não um encontro, um simpósio? A ideia de nosso primeiro Simpósio (I Simpósio de Saúde Mental Infantojuvenil: Autismo e Singularidades) surge, então, do desejo de ouvir profissionais que atuam ou atuaram no território, reconhecer e difundir a produção deste conhecimento, unindo diversos segmentos da rede: saúde, educação, assistência social, cultura etc. Mas não era o bastante! Ainda existiam vozes a serem ouvidas, experiências a serem compartilhadas. Precisávamos garantir um espaço para que não apenas os trabalhadores e pesquisadores da área pudessem expor seus projetos. O público, usuários da rede, também precisava estar, de alguma forma, representado e contemplado.

Retomamos o formato de simpósio pensando na demanda de profissionais do território pela reflexão e conhecimento do manejo com este público. Porém, também queríamos que este público estivesse lá, nos falasse e mostrasse os caminhos que tem encontrado ou buscado para se cuidar. Nasceu, então, a ideia de oficinas, práticas e reflexões que mais se aproximassem deste cotidiano, unindo o pensamento acadêmico da mesa-redonda com as experiências do território e, é claro, dos próprios adolescentes no cuidado em saúde mental.

E assim se deu! Num primeiro momento, tivemos quatro explanações sobre temas pertinentes à adolescência e à juventude voltadas para profissionais e demais interessados. Simultaneamente, na sala ao lado, foram realizadas oficinas, vivências e práticas de cuidado para o público adolescente. Após esta etapa, houve o momento para que os alunos das escolas do território apresentassem seus projetos dentro da comunidade escolar, falando sobre as estratégias de cuidados e enfrentamento do sofrimento psíquico pelo coletivo e através dele.

Perceber que pessoas de faixa etária e lugar social tão diferentes se encontraram, refletiram e se cuidaram; juntar e sincronizar tantas coisas díspares; enxergar o singular dentro do coletivo; ouvir do público que já espera por outro evento; produzir e legitimar conhecimentos e práticas onde a demanda transborda; promover um evento acadêmico na periferia foram alguns dos efeitos promovidos nesta edição do simpósio.

Tivemos um público de aproximadamente 130 inscritos, entre profissionais de saúde, educação, assistência social, justiça e cultura. Atingimos, em média, 300 adolescentes com uso de vivências, oficinas e apresentações. Fortalecemos as práticas exitosas da saúde e educação pública para demandas emergentes. Produzimos marcas sociais de esperança, potência e saúde – saúde pública! – através de um serviço de saúde mental de uma das regiões mais vulneráveis e periféricas (com todas as suas particularidades e problemas) do município: Perus. Podem acreditar!

NOTAS

1 - Psicóloga, pós graduada em saúde mental. Atua em Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSij) na cidade de São Paulo. Professora de pós graduação em curso de gestão escolar. E-mail: pajurado@ig.com.br

2 - Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), tendo realizado extensa pesquisa sobre Linguagens de Imaginário Infantil (2007-08). Também é ator, dramaturgo e diretor teatral da Cia. *Um Peixe*, grupo especializado em teatralidade circense e possui em seu círculo 14 prêmios. Como dramaturgo, tem seus textos encenados em todo território nacional e em Portugal. E-mail: ardsigma@gmail.com

3 - Equipamento público de educação localizado em áreas periféricas da capital e Grande São Paulo. Seu conceito busca integrar a educação formal (infantil e fundamental), cultural, esportiva e recreativa em um só lugar.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Jurado, P. C. , Domicciano, A. (2020) Um relato sobre o II Simpósio de Saúde Mental Infantojuvenil: adolescência e singularidades. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 83-85.

PROJETO: VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO

PROJECT: YOU ARE NOT ALONE

Elisandra Sousa de Almeida¹

A Unidade Básica de Saúde (UBS) Chácara Inglesa, região noroeste da cidade de São Paulo, realiza ações dentro do Programa Saúde na Escola (PSE) nas escolas municipais de seu entorno. Atuando na EMEF Prof. Gabriel Prestes, surgiu à demanda em saúde mental trazida pela coordenação pedagógica. Demanda essa também identificada no grupo de psicologia da própria UBS, em razão de diversos encaminhamentos vindos dessa escola, como crises de ansiedade, depressão, automutilação, distúrbios alimentares, pensamentos suicidas, entre outros.

Nesse sentido, nas reuniões entre a equipe de saúde e a coordenação da escola pensamos em estratégias para o trabalho com esses encaminhamentos, momento que foi nos apresentado projeto dos alunos do Ensino Fundamental II, o qual solicitava para a escola um grupo mensal de escuta, orientação e encaminhamento de casos relacionados à saúde mental, utilizando oficinas e sensibilização, aberto à todos os alunos.

Após conversas entre a escola, aluna e a equipe da UBS, iniciamos o trabalho com os alunos. Surgiu a proposta de que o Serviço Social da UBS aplicaria um **questionário²** para levantamento de demandas em saúde mental para aluno(a)s de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Ele poderia ser respondido anonimamente, caso o(a) aluno(a) se sentisse mais a vontade, com a exigência apenas de que fosse colocado ao menos a série. Muitos nomearam seus questionários, principalmente aqueles que diziam estar bem.

Aplicamos os questionários em sala para 91 alunos, orientado, tirando dúvidas e explicando o projeto aos alunos, acerca da posterior leitura do material na UBS pelo Serviço Social e, posteriormente, o agendamento de encontro individual na escola, no qual participaram 25 alunos.

Nessa etapa de leitura/triagem identificamos os casos mais graves: tentativa de suicídio, pensamentos suicidas, automutilação e abuso sexual, assim como a verificação da UBS de origem desses alunos, para que posteriormente fosse realizado o contato e encaminhamento da demanda e articulação com a rede de atenção psicossocial (RAPS).

Iniciamos o atendimento individual na escola, toda sexta-feira das 9h às 11h, firmando com o/a aluno(a) o compromisso de sigilo e nenhum julgamento diante dos relatos. Alguns alunos convidados para essa conversa já faziam acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico. Para aqueles que não tinham nenhum acompanhamento era ofertado os equipamentos da rede de saúde: atendimento psicológico/ psiquiátrico na UBS de referência, CAPS Infante Juvenil, CECCO (Centro de Convivência e Cooperativa), entre outros atores sociais.

Concomitante ao atendimento individual realizou-se encontros mensais (rodas de conversa) entre alunos que haviam manifestado o interesse no atendimento individual e a Psicologia/Serviço Social da UBS. O primeiro encontro ocorreu na UBS, porém não teve a adesão esperada, razão esta que levou a equipe de saúde a realizar os encontros seguintes na escola.

Chamou-nos a atenção a adesão de alunos que inicialmente não colocaram o nome no questionário, mas, após colegas participarem do atendimento individual sentiram confiança em nosso trabalho e se dispuseram expor suas dores. Também o fato de haver um atendimento semanal dentro da escola, transformou-nos em referência para aqueles alunos que cada vez mais demonstraram interesse em buscar auxílio para questões antes vistas como sem resolução.

O evento construiu saberes e apontou possibilidades do trabalho com adolescentes em saúde mental. Para o próximo ano a ideia é seguir com o projeto, incorporando alunos que não puderam ser ouvidos no ano de 2019, assim como ampliar a rede de proteção.

Figura 1 – Aplicando o questionário



Figura 2 – Grupo na Escola

NOTAS

1 - Bacharel em Serviço Social, especialização em Gestão Pública, especialização em Formação em Educação a Distância, cursando licenciatura em História. Atua no Serviço Social em UBS – Unidade Básica de Saúde da Prefeitura de São Paulo há 11 anos, onde desenvolve trabalho com adolescentes em escolas da região. E-mail: liccalmeida@yahoo.com.br

2 - Para baixar o modelo do questionário, [clique aqui](#) (necessário conexão com a internet).

COMO CITAR ESTE TEXTO

Almeida, E.S. (2020) Projeto: Você não está sozinho. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 86-88.

RODA DE CONVERSA: DIVERSIDADE E MASCULINIDADE TÓXICA NA ADOLESCÊNCIA

ROUD OF CONVERSATION: DIVERSITY AND TOXIC MASCULINITY IN ADOLESCENCE

Maira Rodrigues da Silva¹
Laís Sousa Mendes Amigo²
Adriana Vieira³

Morre filho de casal gay agredido em porta de escola.

Aluno Trans denuncia preconceito ao usar banheiro da escola:

“Senti que eu era um lixo”.

Mulher Trans é encontrada morta na Zona Leste.

Ambulante foi atacado ao tentar defender morador de rua homossexual.

Poderiam ser notícias inventadas ou, ao menos, exageradas. Mas não são. São fragmentos de notícias reais que abordam frase a frase o quão violento pode ser o preconceito direcionado à questão de gênero e sexualidade. O Brasil é o país que mais mata por motivações de gênero, o que, nos faz refletir sobre a necessidade de abordar a temática com adolescentes, os quais estão em processo contínuo de desenvolvimento emocional, social e cultural. Os adolescentes que se enquadram nas definições de LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersex e demais) estão mais vulneráveis à violência física e verbal, as quais podem ocorrer, inclusive no ambiente familiar. Dessa maneira, entende-se que o acolhimento precisa ocorrer para além das próprias casas.

Entre as notícias no início desse relato, exemplifica-se uma forma de violência sofrida em ambiente escolar, local onde os adolescentes passam a maior parte do tempo e têm maior integração em seus grupos. Normalmente é na escola que ocorrem as primeiras manifestações de identidade grupal, o que torna necessário intervir para que o convívio entre eles seja embasado em compreensão e respeito, ainda que esse seja um longo caminho a ser trilhado, já que é nesse mesmo contexto escolar que surgem diversos episódios de bullying, por exemplo.

Levando-se em consideração a singularidade da adolescência e necessidade de multiplicar alguns conceitos sobre a população LGBTQI+, bem como acolher possíveis angústias comuns à sexualidade, foi realizada uma roda de conversa no 2º Simpósio de Saúde Mental Infanto-Juvenil: "Adolescência e singularidades", na ETEC Pirituba- Região Noroeste de São Paulo. Optou-se pelo formato de oficina, realizada com estudantes da Zona Norte de São Paulo. A seleção dos adolescentes ocorreu por meio de divulgação na própria ETEC, entre usuários das UBS locais e no dia do evento, entre aqueles adolescentes que se dispuseram a participar.

Realizamos uma dinâmica em que foram selecionadas manchetes como as do início desse relato, em associação com cartões com frases sobre masculinidade tóxica. Os adolescentes selecionavam as manchetes que se identificavam e/ou sentiam tocados, verbalizando suas opiniões e angústias sobre o que leram. Além disso, relatavam diversos momentos em que a masculinidade tóxica é considerada um dos fatores responsáveis pela violência relacionada a gênero.

Que surpresa linda perceber que a sensibilidade estava ali, ao lado da militância e da maturidade nem sempre presente nessa faixa etária. Gratificante reconhecer que alguns jovens estavam abraçando uma luta que não necessariamente eram suas, mas se caracteriza o sofrimento de alguém merecia ser vivenciada. Foi possível conduzir a oficina apenas levando alguns questionamentos e pontuando as boas reflexões.

Percebemos que colocar trechos de notícias reais sobre violência relacionada a gênero permitiu o início das discussões e promoveu identificação, bem como um momento de trocas de experiência e dúvidas sobre diversidade.

Uma adolescente se destacou ao revelar sua bissexualidade e enfrentamento de episódios de machismo no colégio. Sua postura de liderança e facilidade em abordar a temática nos fez entrar em contato com a nossa própria juventude e o quanto poderíamos ter feito diferente. Ao final da dinâmica, optamos por relacionar a violência de gênero com o aumento do entristecimento e/ou isolamento de alguns jovens. A clareza com que eles abordaram o sofrimento chamou a atenção e nos mostrou que há sim acolhimento e repertório emocional entre eles.

Experiências como essa nos fazem continuar acreditando que apesar de todo preconceito, injustiça e violência existente em nossa sociedade, há esperança de mudança quando resistimos, quando enfrentamos, quando nos unimos e ali nos encontramos.

NOTAS

1 - Psicóloga Especialista em Saúde Mental – Álcool e Drogas (2016), Núcleo Ampliado da Saúde da Família, SPDM PAIS (Atual). E-mail: r_maira@yahoo.com.br

2 - Nutricionista Especialista em Neonatologia, Secretária de Saúde de São Paulo (2017), Núcleo Ampliado da Saúde da Família, SPDM PAIS (Atual). E-mail: lais.amigo.21@gmail.com

3 - Enfermeira em Saúde da Família (2006), Docente em ensino técnico e superior (2008), Tutora UNASUS – UNIFESP (2016), Preceptora da Educação permanente na SPDM PAIS (Atual). E-mail: adriana.adrivieira@gmail.com

COMO CITAR ESTE TEXTO

Silva, M.R., Amigo, L.S.M., Vieira, A.(2020) Roda de conversa: Diversidade e masculinidade tóxica na adolescência. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 89-91.

A EXPERIÊNCIA DE COMPARTILHAR AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL DO PROJETO QUIXOTE

THE EXPERIENCE OF SHARING LITERACY PRACTICES WITH ADOLESCENTS IN SOCIALLY VULNERABLE SITUATIONS IN THE QUIXOTE PROJECT

Cintia Miyuki Nishida¹

Aline Jardim Vasconcelos²

A troca de experiências é um momento enriquecedor, pois há a possibilidade de aprender com a vivência do outro ao mesmo tempo em que se é acolhido quando fala da sua. Se tal troca é realizada por pares imersos em realidades próximas e respeitando as diferenças situacionais, gera-se a sensação de pertencimento e por que não, renovação do engajamento profissional.

Compartilhar a experiência de um trabalho consolidado é desafiador, precisamos nos distanciar e tentar olhar de outro jeito para o que simplesmente parece acontecer quase que espontaneamente, devido o tempo e a proximidade dessa experiência.

Consideramos que somente com planejamento é possível improvisar no caminho daquilo que foi pensado inicialmente. Ainda se admirar com algo conhecido e também imprevisível é o que encanta nesse trabalho.

Foi com alegria e ao mesmo tempo apreensão pela responsabilidade do convite para participar do II Simposio de Saude Mental InfantoJuvenil: Adolescencia e Singularidades na ETEC Pirituba- Região Noroeste de São Paulo, que aceitamos o desafio de contarmos sobre o trabalho que desenvolvemos com letramento junto a adolescentes em situação de vulnerabilidade social do Projeto Quixote (QXT)³.

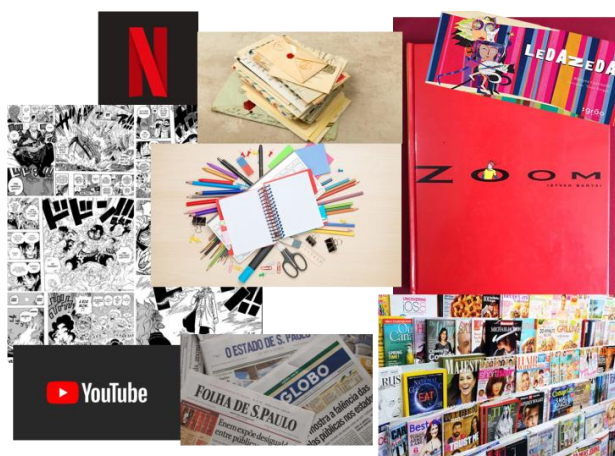
Semanalmente nos encontramos, uma fonoaudióloga e uma psicopedagoga, com adolescentes, em sua maioria meninos com histórico de dificuldade de aprendizagem e socialização, que possuem pouca afinidade no âmbito escolar, cuja autoestima é afetada pela percepção das limitações que apresentam em relação à leitura e a escrita.

São oriundos de famílias fragilizadas (nos mais diferentes graus e aspectos) ou encontram-se em situação de institucionalização em Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), antigamente nomeados de abrigos e/ou Serviços de Medida Socioeducativa (SMSE) serviços que acompanham adolescentes em conflito com a lei. As práticas terapêuticas são baseadas a partir da concepção de que o letramento é a inserção e participação ativa na cultura escrita.

Trabalhar com o objeto de dificuldade percebida por nossos adolescentes é um desafio e uma busca constante de recursos lúdicos e outras fontes no multiletramento, que é a articulação de diferentes linguagens. É estar ali para acolher; é estar ali para compreender que os comportamentos ora de esquiva, ora de agressividade, são direcionados para as dificuldades e que você é apenas o mediador desta relação ainda conflituosa; é estar ali chamando pela resiliência, individual e coletiva.

Contar nossa experiência foi um convite para lembrar aos presentes, seja ele da área da saúde, educação ou do social, que muitas vezes precisamos ser fonte daquilo que os espaços que nossos adolescentes frequentam já não conseguem receber na medida necessária e equânime, que isso requer importante investimento dos profissionais de saúde mental.

Escolhemos compartilhar as atividades que se destacaram nos grupos durante o ano de 2019: jornal GLE (Grupo de Leitura e Escrita), leitura e reflexão escrita do livro Ledazeda, escrita de microcontos, “Setembro amarelo” e participação na mostra cultural QXT, como podemos ver na imagem a seguir:



Recursos de Multiletramento – Fonte: Autoras

Os grupos sempre iniciam com a roda de conversa, os interesses, assuntos e acontecimentos da vida dos participantes podem ser compartilhados, o diálogo, a tolerância e o respeito são fundamentais nessa dinâmica. As propostas organizadas em projetos têm os temas geralmente escolhidos pelos adolescentes, nós terapeutas buscamos nas diferentes linguagens os disparadores estratégicos para a elaboração do que foi planejado. Nas experiências apresentadas transitamos pelo multiletramento mediante filmes, informática, pesquisa na internet, literatura, microcontos, escrita criativa e músicas, como podemos observar na imagem a seguir:



Produção dos adolescentes na temática microcontos – Fonte: Autoras

Buscou-se reforçar que quando, terapeuta e atendidos, veem e analisam juntos, o produto gráfico (final) surge a sensação de capacidade. O adolescente se percebe capaz de produzir aquilo que muitos já não apostam ou que ele mesmo já não se recordava capaz. Já para o profissional que acompanhou do início ao término do processo de elaboração entra em contato com seus motivadores ao mesmo tempo em que se vê permitido a entrar em contato com os recortes da vida real desse adolescente, fonte para trabalhar outros aspectos da reabilitação psicossocial, seja ali mesmo em uma abordagem grupal ou mesmo para momentos mais individualizados.

É necessária a aproximação com os profissionais que acompanham os adolescentes e suas famílias em outros locais e serviços da educação, assistência social e saúde. Principalmente as equipes das escolas, são importantes parceiras no que envolve o processo de aprendizado desses adolescentes. Algumas vezes o vínculo com a escola está desgastado ou até mesmo rompido, assim, resgatar a possibilidade de uma permanência ou retorno a essa instituição é uma construção entre todos envolvidos. Como profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS-IJ) é preciso muitas vezes articular e investir no fortalecimento dessa rede.

Quando se tem a experiência de “*uma outra história*” com esses adolescentes, no que se refere ao conhecimento da linguagem escrita e letramento, mudar o foco do fracasso e fortalecer a potência é amadurecimento. Quando esses adolescentes conseguem expressar esse aprendizado para o âmbito da educação formal escolar sabemos que tivemos êxito. A mediação entre a escola e os adolescentes é o espaço desse grupo e para além disso, busca-se o direito à educação e a elaboração de seus sentimentos nas suas histórias escolares e de vida.

A experiência de compartilhar pode contribuir em alguma medida, com aqueles que presenciaram o relato do trabalho realizado no grupo leitura e escrita, é o mais importante, devido a relevância de integrar práticas que envolvem educação e saúde mental.

NOTAS

1 - Fonoaudióloga do CAPSij do Projeto Quixote, graduada UNICAMP, Especialista em Saúde Mental e em Saúde Mental na Infância e Adolescência pela UNIFESP. E-mail: cintia@projetoquixote.org.br

2 - Psicopedagoga do CAPSij Projeto Quixote, graduada em Pedagogia pela FURG, Especialista em psicopedagogia pela Universidade São Marcos. E-mail: aline@projetoquixote.org.br

3 - O Projeto Quixote é uma OSCIP sem fins lucrativos que atua na missão de transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, através do atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento. Atua no território da Vila Mariana/Jabaquara, sendo referência para crianças e adolescentes em situação de risco e rua da região central de São Paulo.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Nishida, C.M., Vasconcelos, A.J. (2020) A experiência de compartilhar as práticas de letramento com adolescentes em situação de vulnerabilidade social do projeto Quixote. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 92-95.

COM MUITA ALEGRIA**WITH A GREAT JOY**Antonia Barbosa Menezes¹Lucimar Athayde²

Com muita alegria, nós do Projeto Oficinas de Circo, recebemos o convite para participar do II Simpósio de Saúde Mental Infante Juvenil Adolescência e Singularidades. Fomos mostrar como o Projeto Oficinas de Circo se configura numa prática de cuidado para crianças, adolescentes e jovens da Comunidade do Jaraguá.

Entendemos que vivemos em sua sociedade marcada pela desigualdade e exclusão social, onde violência, racismo, machismo, homofobia e outras formas de barbárie revelam o quanto precisamos avançar no processo civilizatório. A escola pode ser um espaço para questionamento e reflexão sobre a forma como a sociedade se constitui para a construção de novas relações pautadas na solidariedade, na inclusão, no brincar, na valorização da diversidade e nas aprendizagens significativas.

As Oficinas de Circo têm caráter Pedagógico, Artístico e Social. Pretende ser uma via de inclusão social, pois se constitui em uma rede de proteção social para crianças, adolescentes e jovens, sobretudo os de famílias mais vulneráveis socialmente. O projeto se realiza através da relação ensino-aprendizagem, pautada na empatia, orientação e amizade, tendo como oficina responsável a Artista Circense, Antonia Barbosa Marcondes e os corregentes, estudantes e participantes há anos do Projeto Circo.

As oficinas de Circo se propõem a inserir seus participantes no mundo de magia e alegria onde se encontram todas as artes. Nossa história é permeada pelo brilho, pelo movimento e pela amizade. Dentro da escola os corpos se movimentam, são livres e potentes como circo. Quem disse que não é divertido aprender desafiando o equilíbrio, o peso, a altura, brincando com os objetos de diferentes formas e texturas? Na nossa trupe há vida, alegria, riso, improviso e o inusitado.

O projeto que hoje se denomina Oficinas de Circo Itinerante na Escola Leonel 2020, originou-se do Projeto Circo Fontenelle, que existiu na EMEF Brig. Henrique R. D. Fontenelle - localizada no bairro do Jaraguá- Região Noroeste de São Paulo -, por doze anos consecutivos, até ser extinto em março de 2019 em razão de mudanças na direção da unidade escolar. Posteriormente, iniciou-se também na EMEF Ernesto de Moraes Leme em 2019 e atualmente, em 2020, está na EMEF Leonel Franca.

O Projeto Circo tem sua atuação reconhecida e incentivada por muitos que conhecem o trabalho, pois aguça o desenvolvimento de potencialidades e habilidades dos participantes, sobretudo a capacidade de raciocínio, persistência, trabalho em equipe, autonomia e cooperação. Um grupo de colaboradores e apoiadores, profissionais da educação e membros da sociedade civil ajudam financeiramente a manter o projeto. Em julho de 2019, produzimos um filme para contar um pouco desta história: *“Projeto Circo Fontenelle Ernesto, o filme”* através do cineasta e Cientista Social Helder Greb Santos.

Com este projeto pautado na solidariedade, alegria, afeto e resistência reafirmamos nossa aposta Freireana em uma sociedade onde tod@s possam existir e brilhar!...



Clique na imagem para assistir o vídeo institucional do
Circo Ernesto Fontenelle
(necessário conexão com a internet)

NOTAS

1 - Artista Circense e Oficineira de Artes Circenses. Trabalhou no Projeto Enturmando no Circo Escola da Vila Penteadado e São Remo do Governo do Estado de SP na década de 90. Trabalhou nos CEUS e unidades escolares da DREPJ na EMEF Henrique Fontenelle e EMEF Ernesto de Moraes Leme entre outras. E-mail: toniabmarc@htomail.com

2- Representante do Grupo de Apoiadores do Projeto Circo. Professora, Diretora e Supervisora Escolar aposentada DREPJ/SME/ PMSP. E-mail: athaydecarrer@uol.com.br

COMO CITAR ESTE TEXTO

Menezes, A. B., Athayde, L. (2020) Com muita alegria. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 96-98.

OFICINA: MANDALA E MEDITAÇÃO

WORKSHOP: MANDALA AND MEDITATION

Isabella Basto Poernbacher¹

Até o dia do II Simpósio de Saúde Mental InfantoJuvenil: Adolescência e Singularidades na ETEC Pirituba- Região Noroeste de São Paulo, haviam poucos adolescentes inscritos e nos preparamos para uma vivência pensando que viriam no máximo 20 adolescentes. Contudo, durante o evento, uma classe de uma Escola Técnica Estadual (ETEC), local este no qual o evento estava sendo realizado, relatou interesse de participar das oficinas e a organização decidiu então abrir mais vagas, imaginando ser uma turma de aproximadamente 30 adolescentes. E essa foi a imagem pela qual nos preparamos para conduzir nossa oficina.

No entanto, quando fomos esperar o encerramento da oficina que antecedia a nossa, começamos a nos dar conta da quantidade de adolescentes que estavam presentes no local: era o final de uma manhã quentíssima e uma sala lotada de adolescentes acelerados e excitados que acabavam de finalizar uma vivência de música e dança afro. Ao término dessa atividade, os adolescentes rapidamente saíram, ficando pouquíssimos dentro da sala para nossa atividade que viria a seguir. Não tínhamos ideia de quantos desses jovens voltariam para a nossa oficina e confesso que não esperava e nem desejava que ficassem muitos deles, mesmo porquê não dispúnhamos de material suficiente e nem de espaço adequado para todos eles.

Por outro lado, fiquei extremamente grata ao perceber que havia uma equipe de apoio muito disponível e, em conjunto, organizamos material de pintura para o momento da mandala. Foi muito importante perceber a postura dos profissionais presentes – todos muito disponíveis e dispostos a enfrentar tudo o que fosse necessário para fazermos essa vivência.

A nossa proposta inicial era de meditação rápida para, em seguida, entrar com a pintura de mandalas em cds, contudo, mostrou-se ineficaz essa estratégia quando a sala começou a ficar lotada novamente e, antes de começarmos já contávamos com 70 adolescentes e só tínhamos pinceis para a metade deles.

Diante do impacto da situação tivemos que tomar uma decisão rápida. O primeiro passo foi buscar o meu próprio *centramento* e a partir dele achar saída para situação: decidi manter a meditação inicial com todo o grupo e, em seguida dividi-los em outros dois que alternariam a vivência, enquanto que a metade pintaria mandala com o suporte da equipe de apoio, e a outra metade faria vivência corporal. Para isso foi fundamental sentir que podíamos contar com uma equipe coesa, que se mostrava disposta a estar ali “pro que desse e viesse”.

O segundo passo que sinto ter sido fundamental foi o de oferecer escolha para cada jovem que estava ali presente. Eles ainda estavam muito excitados e, somado ao calor excessivo desse dia, o ambiente não estava nada propício para meditar. Então, chamei o grupo e falei que a maior vivência de meditação é a de estarmos presentes na escolha que fazemos e que cada um ao fazê-la, independente de ficar naquela sala ou não, já estaria assumindo uma postura mais meditativa, condizente a esse processo de escolha. Falei que não haveria certo ou errado. Eles tinham a opção de permanecerem e se aquietarem naquela sala, de irem assistir os seminários na outra, de irem para o corredor ou outro lugar que desejassem. Depois, dei um breve tempo e repeti novamente a proposta. Umas 3 ou 4 pessoas saíram e a grande maioria decidiu ficar.



Mandalas confeccionadas na oficina

Foi quando todos aquietaram e toda a prática meditativa fluiu de forma rica. Todos demonstraram envolvimento e vivenciaram a meditação. Foi incrível ver um grupo tão grande, tão aquietado e envolvido sob tais circunstâncias. A pintura de mandala foi feita no chão que estava completamente tomado por adolescentes e nenhuma tinta ou água fora derramada. Todos pintaram e ficaram envolvidos do início ao fim da vivência.

O apoio total da equipe somado ao fato de que cada jovem ali tinha escolhido realmente estar naquela atividade e local fez uma mágica: o caos inicial foi organizado e se transformou numa vivência bem harmônica.

NOTAS


1 - Graduada em Psicologia pela PUC-SP e com formação em Psicologia Transpessoal pela Escola Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP). Atua como psicóloga em Unidades de Saúde Mental da Secretaria de Saúde Pública de São Paulo, nas Supervisões Técnicas de Saúde de Perus e Pirituba desde 2003 e, desde 2015, no Centro de Convivência e Cooperativa de Pirituba (CECCO Pirituba) da Supervisão Técnica de Saúde de Pirituba. E-mail: isabellabp2011@gmail.com

COMO CITAR ESTE TEXTO




Poernbacher, I.B. (2020) Oficina: mandala e meditação *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 99-101.


**II SIMPÓSIO DE SAÚDE MENTAL
INFANTOJUVENIL
ADOLESCÊNCIA E SINGULARIDADES**

Realização Caps Infantojuvenil Perus
Apoio: Naapa / Dre PJ, Nasf Recanto dos Humildes,
Caps Ad Pirituba e Supervisão de Saúde Perus/Pirituba



**APOIO PUBLICAÇÃO :
REVISTA PATHOS**

 <http://www.revistapathos.com.br/>

TRABALHOS RECEBIDOS EM: 23/01/2020.

APROVADOS: 08/05/2020.